



Balbina Mendes and the symbolic exuberance of the mask

Balbina Mendes' work progresses in a way that makes us think, especially when it flows into the potentialities of the expression of time and explores them through the mask and its dialogue with the face that it overlaps. In the previous series of landscape paintings, the bucolic and transitory marks of time and seasons were celebrated in vivid natures of multiple geographies. In the following periods, the plastic experiences that are at the origin of the current series stand out, highlighting themes closer to her original experiences.

In *Ritual Masks from Northern Portugal* the representations of masks are in great detail. The vivid colours enhance the comic or creepy grimaces of the mask that hides as well as of the mask that awakens the complicity in whoever faces it, sees it. The representation of the diversity of materials, expressions, meanings and uses that a mask can have is ethnographic and ethnological. The inspiration is clear and localized, especially the feasts of the boys, the feasts of the winter solstice, the Carnival of the northeast, especially Bragança and Miranda. In this series, the mask is effective, it hides, because we know nothing of what is behind the mask.

In *Masks, Myths and Rites*, she begins to invoke what lies behind and beyond the mask. The mask, always captured with the same force of bright colours, is no longer an autonomous symbol, it is part of a ceremonial, sometimes festive or aggressive, but always propitiatory. The mask aims to arouse something: either the fear, or better harvests, or fertility, or reveal and share secrets that the masked publicly announces under cover of his anonymity. Noses, dark circles, mouths, eventually horns, make up the human traces of masks that point to the demonic, the interdict that rituals want to humanize.

In one and the other series, the masks are masculine and are always a prop of the

Balbina Mendes e a exuberância simbólica da máscara

A obra da Balbina Mendes progride de uma forma que faz pensar, sobretudo quando desemboca e explora as potencialidades de expressão do tempo através da máscara e do seu diálogo com o rosto a que se sobrepõe. Na anterior série de pinturas sobre paisagens, o bucolismo e as marcas de passagem do tempo e das estações eram celebradas em naturezas vivas, de múltiplas geografias. Nos períodos sucessivos despontam as experiências plásticas que estão na origem da atual série onde sobressaem temas mais próximos das suas vivências originárias.

Em *Máscaras Rituais do Douro e Trás os Montes* as representações de máscaras ficam em grande plano. As cores vivas realçam os esgares cómicos ou assustadores da máscara que esconde e da máscara que acorda a complicidade em quem lhe faz frente, quem vê. A representação da diversidade de materiais, de expressões, de significados e usos que uma máscara pode ter é etnográfica e etnológica. A inspiração é clara e localizada, sobretudo as festas dos rapazes, as festas do solstício de inverno, os entrudos do nordeste, principalmente Bragança e Miranda. Nesta série a máscara é eficaz, esconde, porque nada percebemos do que está por detrás da máscara.

Em as *Máscaras, Mitos e Ritos*, passa a convocar o que está aquém e além da máscara. A máscara, sempre captada com a mesma força das cores vivas, não é mais um símbolo autónomo, é parte de um cerimonial, ora festivo ora agressivo, mas sempre propiciatório. A máscara visa suscitar algo: ou o temor, ou melhores colheitas, ou a fertilidade, ou revelar e partilhar segredos que o mascarado anuncia em público, a coberto do seu anonimato. Narizes, olheiras, bocas, eventualmente cornos, fazem os traços humanos de máscaras que apontam o demoníaco, o interdito que os rituais querem humanizar.

Numa e noutra série as máscaras são masculinas e são sempre um adereço do masculino, como de facto por tradição acontece

(ou acontecia) nas festas do nordeste. A máscara é um disfarce da masculinidade para inquietar e permitir ao mascarado jogos eróticos de perseguição e toque com as jovens mulheres. Aqui o espaço do quadro abre-se para a presença de quem usa a máscara, para o deixar tentar quem vê.

O mais saliente nesta série é a irrupção, em algumas das pinturas, do grupo, das correrias e dos ajuntamentos a que a presença da máscara dá um sentido próprio. Aí a máscara é o grande elemento que agrega, que faz a festa, que esbate as hierarquias sociais, mas mantendo-as mais vivas através de jogos de sugestão, onde se acentuam as diferenças sexuais, um elemento central nos rituais de fertilidade a que os usos sociais da máscara estão associados. A máscara mais do que um disfarce, é um elo social. É um reforço de identidade, a razão de ser do ajuntamento e das gentes, por isso se repete a cada ano.

Nos dois períodos ou séries (Máscaras Rituais do Douro e Trás os Montes e Máscaras, Mitos e Ritos) encontramos o tema etnográfico e a diversidade das máscaras das festas de fertilidade e propiciatórias, dos rapazes, dos jogos de carnaval, dos rituais das festas solares no equinócio e nos solstício. Na cultura transmontana as cores da máscara ou dos adereços do mascarado são o novo tempo que resiste a chegar e que as máscaras também antecipam e ajudam a chamar.

Entretanto, Balbina Mendes parece interromper um pouco a reflexão plástica sobre as possibilidades da máscara e dos rituais e centra-se progressivamente no passar do tempo sobre os rostos. Nos rostos como registo do tempo que passa. O rosto que carrega uma outra máscara: a da vida que se gasta. Na série A máscara do Tempo é o rosto vivo que se mostra sob as rugas ou a pele nua e alguns poucos adereços. Nestes retratos quase monocromáticos são a gravidade ou a alegria do olhar que transmitem o peso do tempo. O rosto cola-se à vida como máscara, agora dispensada para melhor sugerir os mistérios individuais e da passagem de gerações que cada rosto transporta.

E agora eis que desponta como que a junção das séries. As duas reflexões encontram-se. Em O Rosto e a Máscara e no atual ciclo em desenvolvimento encontramos a passagem irrequieta do rosto para a máscara e da máscara para o rosto, em que é difícil distinguir o que é rosto e o que é máscara. Como o rosto que se liberta da máscara em "Podence V".

masculine, as in fact by tradition happens in the parties of the northeast. The mask is a disguise of masculinity to disquiet and allow the masked erotic games of chase and touch with young women. Here, the whole space of the picture opens up to the presence of those who wear the mask, to let them tempt those who see.

The most salient in this series is the irruption, in some of the paintings, of the group, the raids, along with the gatherings to which the presence of the mask gives a proper meaning. Here, the mask is the great element that adds to the celebration, which fades the social hierarchies, but keeps them alive through suggestion games, where sexual differences are highlighted, a central element in the fertility rituals to which the social uses of the mask are associated. More than a disguise, the mask is a social link. It is a reinforcement of identity, the *raison d'être* of the gathering and the people, and this is why it is repeated every year. In the two periods or series *Ritual Masks of the Douro and Trás-os-Montes and Masks, Myths and Rites*, we find the ethnographic theme and the diversity of the masks of the fertility and propitiatory feasts, the boys, the carnival games, the rituals of the solar parties on the equinox and solstice. In the cultural heritage of Trás-os-Montes, the colours of the mask or the accessory of the masquerade are the new time that resists to arrive and that the masks also anticipate and help to call.

Meanwhile, Balbina Mendes seems to interrupt a little the plastic reflection on the possibilities of the mask and the rituals to focus progressively on the passing of time on the faces. On the faces as a record of time passing. The face that carries another mask: that of the life that wears out. In the series *The Time Mask*, it is the alive face that shows under the wrinkles or the naked skin and a few accessory. In these almost monochromatic portraits, it is the gravity or joy of the gaze that conveys the weight of time. The face is glued to life as a mask, now dispensed to better suggest the individual mysteries and the passage of generations that each face carries.

And this is when the junction of the series rises. The two reflections meet. In *The Face and the Mask* and in the current cycle in process, we find the exhilarated passage from the face to the mask and the mask to the face, in which it is difficult to distinguish what is face and what is mask. Like the face that frees itself from the mask, in "Podence V".

In addition to the composite nature of the works, in which the painted canvas overlaps the acrylic plate, engraved or transparent, we have the various experiences of using either a paler or a more exuberant colour palette. "The mask of Mask I" is the decomposition of some ritual mask from Trás-os-Montes, that fragments geometrically to reveal parts of a face that does not correspond to it, almost photographic and feminine. A clear transgression, because these masks are masks of men, not of women (or rather, women also begin to participate in these games in the place of men, which in our society is also the place of women). The different attempts to form personae ("Persona" V, VI, VII, VIII, IX) seek the fusion between the mask and the face. Persona, that in Latin theatre is the mask of the actor, here is indeed face, person, an individual, who let themselves be taken by symbols and elements of the ritual mask. Another series *Between me and the Other IV or V* hides or reveals the face under grey bars or black bars, in the middle of the process of finally hiding the face or of, eventually, revealing it. The mask is another element.

The text is also inscribed in the painting of the faces. The text is the mask that best adheres and highlights the contours of the face as we see in "La belle qui rit et l'autre" or III, V, VI "I deposed the mask" III, V and VI. With the irruption of the words on the screen, the mask is no longer a mediator, a solid object that interposes, it is now a second skin. Or is it the living flesh that hides under the skin?

The combinatory possibilities between face and mask, between face and time, between the individual and society, between the private and the public, between the divine and the demonic, between the feast and the gift, between winter and fertility, between the past and the present, are surely not exhausted here. They proliferate continuously.

Each of the experiences Balbina Mendes offers us reminds us, perhaps, that in every face there are always many masks. And in every mask lie all the secrets of the face. The face is the abyss of the human, that these pictures so well help us to keep under the sign of the mystery that there is always in each face. The mystery of the face is always a sublime mask.

Para além da natureza compósita das obras, em que à tela pintada se sobrepõe a placa de acrílico, gravada ou transparente, temos as várias experiências de uso de uma paleta de cores mais restrita ou mais exuberante. "A máscara da Máscara I" é a decomposição de alguma máscara ritual transmontana que se fragmenta de forma geométrica para revelar partes de um rosto que não lhe corresponde, quase fotográfico e feminino. Uma transgressão porque estas máscaras são máscaras de homens, não de mulheres (ou antes, as mulheres começam também a participar nestes jogos no lugar dos homens, que na nossa sociedade é também o lugar das mulheres). As diferentes tentativas de formar personae ("Persona" V, VI, VII, VIII, IX) procuram a fusão entre a máscara e a rosto. Persona, que no teatro latino é a máscara do ator, aqui é de facto rosto, pessoa, alguém individual, que se deixou tomar pelos símbolos e elementos da máscara ritual. Uma outra série ("Entre mim e o outro" IV; V) esconde ou revela o rosto sob barras cinzentas ou barras pretas, a meio do processo de esconder definitivamente o rosto ou de, por fim, o revelar. A máscara é outro elemento.

O texto inscreve-se por fim também na pintura de rostos. O texto é a máscara que melhor adere e faz sobressair os contornos do rosto como vemos em "La belle qui rit et l'autre" ou em "Depus a máscara" III, V e VI. Com a irrupção das palavras na tela, a máscara já não é um mediador, um objeto sólido que se interpõe, agora é uma segunda pele. Ou é a carne viva que se esconde sob a pele?

As possibilidades combinatórias entre o rosto e máscara, entre o rosto e o tempo, entre o indivíduo e a sociedade, entre o privado e o público, entre o divino e o demoníaco, entre a festa e a dádiva, entre o inverno e a fertilidade, entre o passado e o presente, seguramente não ficam esgotadas aqui. Proliferam sempre.

Cada uma das experiências plásticas que Balbina Mendes nos oferece relembra-nos, talvez, que em cada rosto estão sempre muitas máscaras. E em cada máscara estão todos os segredos do rosto. O rosto é o abismo do humano, que estes quadros tão bem nos ajudam a manter sob o signo do mistério que há sempre em cada rosto. O mistério do rosto é sempre uma máscara sublime.

José Francisco Meirinhos
Professor Catedrático e Diretor do Departamento de Filosofia
da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Full Professor and Director of the Philosophy Department of the Faculty of Letters of the University of Porto